



ANTÍSTHENES PINTO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 - 2018

POESIA REUNIDA



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda - v. 29



NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda – v. 29

POESIA REUNIDA

ANTÍSTHENES PINTO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
(1918-2018)



DIRETORIA
BIÊNIO 2020/2021

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

EULER ESTEVES RIBEIRO

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

ABRAHIM SENA BAZE

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio

CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes

SERGIO VIEIRA CARDOSO

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com

E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

SUMÁRIO

Palavra do Presidente 7

Da mesa do editor 9

Poesia reunida 11

© **Antísthenes Pinto**, 2021

Coordenação Editorial
José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira,
José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso,
Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial

Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico
Marcicley Reggo

Imagem da capa

© BrianAJackson/Envato

Digitalização dos originais
Roumen Koynov

Ficha catalográfica

Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P659p Pinto, Antísthenes, 1929-2000

Poesia reunida. Manaus: Reggo/Academia
Amazonense de Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf)
Coleção Pensamento Amazônico.
Série João Leda – v. 29;

ISBN 978-65-86325-47-8

1. Literatura brasileira – Poesia I. Título

CDD B869.15

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994,
de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2021

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361

N. Sra. das Graças – Sala 303

69053-110 – Manaus-AM

REGGO

Fone: (92) 98817-0172
@editorareggo

PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

Uma das figuras mais singulares de seu tempo, clubista da madrugada na acepção do termo e que se confirmou durante os anos pela boêmia romântica dos poetas da Praça Heliodoro Balbi e do café do Pina, foi o escritor, jornalista e acadêmico Antísthenes de Oliveira Pinto, que durante muitos anos pontificou nos meios literários manauenses.

Trata-se de personalidade particularmente dedicadas às letras, como poeta e prosador, que integrou o Clube da Madrugada, o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, a União Brasileira de Escritores, do Amazonas e a Academia Amazonense de Letras, quando esta não mais reagia aos clubistas, providência iniciada, lentamente, ao tempo da presidência Djalma Batista na fase do cinquentenário de fundação da instituição.

Nascido em Manaus, em 1929, também teve a oportunidade de atuar no jornalismo carioca, especialmente no *Jornal do Brasil* e na *Tribuna da Imprensa*, retornando à capital amazonense somente em 1970. Publicou vários títulos, seja poesia, crônica, ensaio e novela, dentre os quais *Sombra e Asfalto*, em 195; *Ossuário* (1963); *Angústia numeral* (1976); *A rebelião dos bichos* (1977); *Curvas do tempo* (1984); *Terra firme*, 1970; *A solidão e os anjos*, 1976; *Várzea dos afogados*, 1982; *Chavascal*, 1965; *Os agachados*, 1985; *Porão das almas*, 1992; *É proibido perturbar os pássaros*, 1981; *Os suicidas*, 1988; *Quelônios do Carabinani*, 1984; *Os garis das alturas*, 1992; *Literatura: novos horizontes (impressões de leitura)*, 1984; e, *Oito poetas amazonenses*, 1992.

Atuou no serviço público, inclusive, na administração municipal da cultura e do bem estar social e presidência da Fundação Dr. Thomaz, ocasião em que prestou bons serviços à municipalidade, sem deixar de produzir seus artigos e livros, ao mesmo tempo em que sua obra era analisada e reconhecida por vários críticos literários dentre os quais José Louzeiro, Caio Carneiro, Arthur Engrácio, Nelson Sodré, Stella Leonardos, sempre com proclamação de méritos.

De fácil convivência, amável no trato, chegando a ser distraído com as amizades que cultivava, suas relações com o acadêmico e político Paulo Pinto Nery em muito influenciaram sua participação no governo municipal, mas era a leveza com que se posicionava nos mais variados assuntos nesse campo político-administrativo que o teriam sustentado em cenário quase sempre tão difícil de ser ocupado.

A obra que a Academia Amazonense de Letras reedita na coleção “Pensamento Amazônico”, Série João Leda, está denominada de *Poesia reunida*, uma espécie de seleta de trabalhos do autor entre os seus preferidos e os de poucos amigos que costumavam reconhecer em Antísthenes um operoso trabalhador das letras, e, que, agora, abre-se no cenário da rede mundial de computadores favorecendo ampla consulta e estudos.

Honra-se o autor, e este engalana as edições acadêmicas.

DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

O livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o “livro sem papel” muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

POESIA REUNIDA

CINCO LIVROS DE POEMAS

DE

ANTÍSTHENES PINTO



EDIÇÕES PUXIRUM

MANAUS — 1987

DADOS BIOGRAFICOS

Antísthenes (de Oliveira) Pinto nasceu em Manaus a 28 de novembro de 1929. Começou a vida como auxiliar de farmácia, depois foi escrivão de polícia, do Comissariado de Menores, andarilho, vendedor de material de prótese pelo interior paulista, de peças e acessórios de automóveis, de títulos patrimoniais, de terrenos, apartamentos, de livros, de seguros, gerente de rotisseria no Rio de Janeiro, correspondente-comercial, empresário de artistas (cantores) pelo sul, leste e nordeste brasileiros, professor de História e Geografia do Ginásio Industrial da Estrada de Ferro Leopoldina, em Miguel Pereira, Estado do Rio, fiscal da Superintendência de Seguros Privados (Susep) em São Paulo, jornalista (militou no Jornal do Brasil, Correio da Manhã e Tribuna da Imprensa), mas nas horas vagas ou não, dependendo da intensidade de sua vocação irresistível dedicou-se amplamente às atividades literárias como poeta e ficcionista. Envereda também pelo ensaio e tem na crônica um derivativo ligado ao ritmo de suas andanças, e suas aventuras, e de seus protestos ecológicos, contra o desrespeito à natureza.

Filho de Antísthenes Nogueira Pinto e Delmira de Oliveira Pinto, ambos falecidos, é casado com a sra. Ruth de Albuquerque Pinto e tem quatro filhos: Antísthenes, Wagner, Rita de Cássia e Márcia Cilene.

Em 1970 volta a fixar residência em Manaus e exerce, sucessivamente; as funções de diretor de Cultura e Promoções da Prefeitura Municipal de Manaus; presidente do Conselho Diretor da Fundação "Dr. Thomas", Superintendente Cultural do Amazonas e diretor-administrativo da Imprensa Oficial do Estado. Atualmente, vive exclusivamente em função da literatura.

APRESENTAÇÃO

JORGE TUFIC

Não cometo nenhum exagero ao escrever que a poesia de Antísthenes Pinto vai completar, neste 1986, precisamente 30 anos de juventude. É a meditada leitura de cinco pequenos volumes do poeta, que me dá a certeza de sua atualidade com todos os "simulacros", "desvairismos" e audácias opostas aos "joguinhos estéticos" de alguns contemporâneos. Uma atualidade perene, em termos de "mensagem" e descompromisso. Mensagem com aspas, somente para justificar que nem mesmo com esse tipo de mensagem, de que tanto falavam os puxadores de ladainhas pró-endeusamento de coisa-nenhuma, preocupa-se ele. Afinando-se referencialmente com as sequelas do verso (que de resto aparecem com frequência e são cultivadas em todas as épocas), e um ritmo frenético que absorve e captura as tensões videntes e crescentes do modelo trágico-satírico (onde o circo é o próprio mundo, sua classe média), ressaltando ainda, nessas amostragens de sua obra até o marco 86, os fatores surpresa e unidade. É o lema de Maiakovski: "Na obra poética, a novidade é obrigatória". Este, o fator novidade, é o que conta realmente na poesia de Antísthenes Pinto. A unidade formal, essas algemas de técnica e linguagem estão, paradoxalmente, submetidas pelo olho e pelo sentir da existência que no fundo da cena, depois de espiarem com ele, agora nos espiam. Surpreende-me, por outro lado, a maneira pela qual os "temas" ocorridos ao fluxo do inventário "taquigráfico" da vertigem libertadora mergulham e desaparecem, sem deixarem vestígio de como nem de quando se dera o parto, o descanso intemporal de um ritmo interior indormido e frequente. Daí seu engajamento no futuro, de preferência rejeitando as paródias

e referências que documentem a fricção de outros textos no seu caminho. Assim, eu posso destacar de cada livro dos cinco reunidos nesta edição, um distico ou um tríptico cristalina-mente isentos de datas, ou de "escolas".

Mecânica me chega a lua.

Bate na cal e se assusta
("Sombra e Asfalto", 1956)

Chão chamuscado
Porejando lâminas
("Ossuário", 1963)

Sol inchando como relógio no bolso.

O que dói mesmo é sentir o erguer do homem
como raízes arrancadas na chuva
("Angústia Numeral" 1976)

Com o visgo seco do olhar
Em antolhos
Sou burro e ardo em pedra
("Rebelião dos Bichos", 1977)

Sou um grilo,
Um gume de susto
Uma gretada origem da flor
("Curvas do Tempo", 1984)

Tudo copiado a esmo, sem escolha, sem critério de seleção, sem esforço de quem procura defender uma tese. É só o leitor abrir numa página qualquer, e depara-se com outros exemplos, melhores talvez do que estes acima transcritos. Tanto é assim, que se me dessem a incumbência de organizar uma antologia poética de Antísthenes Pinto, ou faria diferente, extraíndo de sua própria alinearidade a linearidade de um texto corrido, iniciando ou terminando com "Ossuário", produto este mais elaborado de sua experiência pré-concretista. A experiência concreta do autor, juntamente com a de outros poetas do Clube da Madrugada, ficou dispersa com vários poemas divulgados no Suplemento Dominical do "Jornal do Brasil", no Rio, à época sob a direção de Mário Faustino; outros, entre os quais ele também aparece, no Recife, em Belém do Pará, Fortaleza, Minas e São Paulo, ficando o grosso do movimento

documentado em Manaus. A poesia de muro cresceu e projetou-se, também naquelas Capitais, por volta de 1966. Vale frisar, no entanto, que apenas eu, em "Faturação do Ócio" (1974), aproveitei o mínimo do que fiz no estalo da onda. AP continuou naquilo que viria a ser a poesia descompromisso dos anos setenta e oitenta. Seu "Angústia Numeral" foi, sem dúvida nenhuma, o pioneiro dessa corrente nova, global e avassaladora.

Acompanho o autor desta antologia desde sua estréia, em 1956. Em todos os seus livros de poesia, tenho dado o meu depoimento, ora nas abas, ora em prefácio ou em simples apresentação. Além disso, já tenho escrito sobre cada um de per si, tentando aprofundar uma tímida audácia "crítica" através de impressões que me deixaram, com seu modo escrachado de rir nas entrelinhas do poema. Impressões de que estamos diante de um temperamento avesso à tolerância beneditina das "mumunhas" e dificuldades vernáculas, preferindo o tratamento de choque, a injeção do vivido no corpo arbitrário do objeto, seja ele um poema, seja um conto ou romance. Desta maneira, ao invés da posse lenta ou meditada, compraz-se AP no despejo da "ira" incontível da semente que explode, oscilando entre o breve e o duradouro: sua obra, aparentemente dotada de "fragmentos", contém uma tecelagem de elementos contrários, que imitam, no plano ora mais ora menos da comunicação poética, a incidência de um terceiro plano de igual intensidade em nosso cotidiano. Alguma possível "transcendência" corre por conta da introspeção, do interfúgio a cargo do qual se põe a tarefa de construir, criar a realidade do verdadeiro na obra de arte.

Nada automático, porém. O enxame de abelhas voa, se emaranha, mas pousa nos lugares certos. Alguns significados mudam, de acordo com a posição do verso ou das palavras no verso, e ao inverso de conotações ou meras denotações fonéticas, ou gramaticais. Ai, os neologismos também são permitidos, principalmente eles, que abrem perspectivas de idioma novo por dentro do velho. Velho, porém, talvez seja o livro, que mudou quanto ao seu formato tradicional, gutemberguiano. Mas este é o suporte; a paisagem é que muda. As palavras, sim, envelhecem se, de tempos em tempos, os poetas lhe negam esse trampesco de capoeira onde o gingado mimétrico instaura a variedade dos símbolos.

Pelo tanto, os meus e os nossos parabéns às edições PUXIRUM, que incorporam à sua já rica biblioteca de autores amazonenses esta preciosa antologia poética de Antísthenes Pinto, num gesto a mais de elevação e permanência do que há de melhor em nossa moderna historiografia literária.

SOMBRA E ASFALTO
(1356)

Para os meus amigos

Fábio Lucena

Mário Guerreiro

José Louzeiro

José Alcides Pinto

Yacilton Almeida

I

Antecipo minhas rugas no espelho.
A sombra hirta que foi vejo curvada.
Piso fundo no chão que silencia
E vou contar estrelas na vidraça.

A ave do desejo pousa em livro.
(Não há no vácuo acústica às palavras)
Liberto já do sonho que não tive
Fujo de mim e só de mim fugindo

Sem dar um passo além do que pensara
Quando fui velho sem chegar a ser.
O meu patético olhar engole o longe:

— Escuro limitando com escuro
E quanto ao perto: cinza no cinzeiro
E o negro cão do tempo me mordendo.

I

Vai acostumando os teus olhos
a esse estirão sem limites.
Deixa que os braços pensos se sacudam
posto que nenhum auxílio prestar-te-ão
nesse caminho em que a luz repousa.
Vai acostumando os teus olhos
a esse estirão sem limites
e beija pela última vez
as vestes que te cobrem a ridícula nudez.

IX

Me confrange este mormaço
Paralisado em quadrado.
Sendo suspenso distante
Não deixa de estar presente.

Mecânica me chega a lua.
Bate na cal e se assusta.
Muda e só no teto cinza
A lâmpada permanece.

A alma cria asas nos olhos
Deseja beber o tempo
Num vôo de todo impossível.

E nem por isso sucumbo
A estas quatro paredes
que me fizeram abstrato.

II

Sino estridente na tarde,
sino forte que não cessa
de bater o ar extático e roxo.
O moço ao meu lado se espanta
da formidável ignorância
que tenho à flor da pele.
Ele humano. Eu humano.
Acaso existe igreja neste ar?
O moço é atleta, tem sangue até os cabelos,
eu não tenho mais nada
a não ser o baque desse sino
e a bruma das mãos que me deixaram.

III

Rio — Nenhum peixe te sacode o silêncio.
Quanto mais este vento maneiroso,
Este cristal tingido de amarelo
Quando a lua era lua, quando a lua era lua,
Mera Utopia aos pés do rio:
me vejo peixe e logo após espuma.

IV

Casa de palha no barranco
onde o menino roxo se inclina
para juntar da lama a ave exangue.
Ave de asas brancas, moles,
inúteis para todos os vôos.
O menino roxo lança os olhos
no imenso rio deitado como morto
— Eu vou lendo o Êxodo no crepúsculo.

V

Ponte nos teus olhos
para descrença de teus gestos.
Luzes além do infinito
vão diluindo teu corpo
retorcido no caminho.
Desce um frio tranqüilo
entumecendo tua fronte.
Sorris à presença simples
de todos os mitos do mundo.

MELANCOLIA

Um risco de lua
me diz que a noite
deixou de ser triste
como quis insinuar
uma parte de mim.
No entanto o meu vulto
se sacode sem tato
se desfazendo no tempo
e na noite.

Um risco de lua
e o desejo adulto
morrendo no vazio.

NOTURNO

Há um luar azul percorrendo o meu corpo
Todas as aves brancas construíram ninhos no meu
[coração
e seus cânticos são de uma tristeza inenarrável.

Vou absorvendo o orvalho noturno
Com a mesma quietude da árvore curvada no barranco.
Meu maior alimento é o silêncio
e o deslizar do rio comumente tranqüilo.

A outra metade de mim vive no espelho
que deforma a minha paz. Tantas ruas
cruzam-se em meus pés, tumultuosas, salpicadas
[de pranto
e seios de todas as cores e vícios e viços.

As auroras e os crepúsculos das cidades,
o ar plúmbeo, cinzento das cidades
arrancaram todo o humor que eu tinha pelos homens.
(No entanto o sangue corre nas minhas veias frias).

Ah se a memória se limitasse ao presente,
todavia, o passado me inunda a alma
e cicatrizes das mais torpes
se espalham nos meus ossos, nos meus nervos,
na minha sombra espectral, estática sombra roxa.

Meu maior alimento é o silêncio
e o deslizar do rio, comumente tranqüilo.

DISSUÁRIO
(1963)

JAZIGO TRANSITÓRIO

a amora do astro
lisa o arcabouço
de mel da noite

chão chamuscado
porejando lâminas
— desnovelo
da turba volúvel
deslúcida —

fresca nobreza
triunfal do metal
em canto da
corneta

a rua assoma
um vergalhão de
lua
onde
o chafariz
declina
monopoliza
urde

grunhidos de esmoleiros
través
das franjas luzem
alhures volúpias
de rosas
rostos
de horas ebúrneas
— travai o osso
tosco, ladrai
rotos
homens plúmeos
céu

— lombo de cisne —
batido em vossa fonte
inconclusa
efeito amorfo
sumeesticado

à
 área aérea
 equador
 amor
 amor

triunfo frouxo
lépido como
capotes esbandalhados
 sob as águas

no
ar

 desnudas aves
 enxurram
 epiciclo

olho
pilífero
medindo reversos:

 blafos!
 batos!

dormença de som
cantabrado nos
 tímpanos

no leste o
lesto clamor
dos arbustos

 cuia azul
 cobremar

a foice
do sol
guapo
subjuga

palha onde
ódio se elabora
no papo do urubu

— negra pilha
rosnada em penas —
flato de bonzo aéreo
enxerto absconso

podre poema

o
mito carreio

lábios de fim de festa
olhos de negro branco
espremem verbos de fontes
inocência milenar

rolo
o
olho
frustrado

no chão onde medra
erma erva de pedra
e a cabra acelta-a
no ventre gestante
tombado o seu canto

à
vida estática
efêmera paisagem
inconclusa
inverno ressequido

na minha cinta de água
esplende o verde maduro
do cabo da faca aérea
de triplo gume de ouro
tranqüila a faca
impele o musgo algoz que
se rompe na túrgida pedra
boiada

frágeis galhos transitam

rugos no lodo
impelem que o peixe-boi
flua o seu canto:

seu passo absurdo
vegeta o gesto

inexisto embora
balouçando o escasso
sopro alado

busco o que está de borco

vagueio violento
na brisa diuturna
me explodindo

ah
o
mar!

sublime tê-lo

autêntico

perjurando-o

à
a distância

verde solidão
prescruto o visível
intacto impalpável
— sigilo demente —

por trás das folhas
evola-se o sossego
das folhas, sucessivo
mover d'humus

chão dançante

vinde assistir ao deslize no escuro
sem pejo mudo vos chamo clamo
à vossa virilha
pássaro ignaro

ilusório pânico transmudando

cega arquitetura
no obsoleto mudo muro
travando lágrimas
núbias sovinada

queimo as asas sem ser ave
os cascos a crina de gesso e limbo
e me transmudo em cavalo
nunca aceitarei nádegas
talvez do peixe que me
vislumbra de bruço
esplendo para desmaio
do astro que imita cavalo
os homens não me desvendam
mesmo em forma de grilo

o alarde da areia
ludibriando meu gosto
é passar de esponja

tudo fluorescente se fez branco
porquanto à noite branca
eternizou a fruta putrescível
da árvore sem galhos e raízes
que nos sufoca: abstrata primavera

toda substância de mim
é fome que um rato se sacia
alquimia de ser uno
sendo um exército

o poema gestado
é um crânio aberto.

círculo negro rio:
argila disposta
em formas de casas
plenas e graves.

quem enxerga manso
as pupilas enruga:
paisagens de latas,
paralelepípedos.

sol bronze maciço
(equador) requeimando
peles pelos de virgens
tons vários tons.

gosto geométrico
no funil do desejo.

por tê-lo a memória
calcula vertigens
como quem calcula

no coito de facas
o sexo maduro.

pontes metálicas
sobre líquidos
canteiros de casas
plantados em botes

educandos liga breve
cachoeirinha (sem queda)
recurva apenas
um nome de santo:

são raimundo, extremo
onde a aranha arranha
na teia verde, ocioso
trabalho de plúmbeas

idades, resvalo o metal
do meu canto e exulto
a sombra mole do éco.

de limbo e esterco
comanda o trilho
o homem de tábua.
o pé fixo cruza
à margem do grito
(lata e borracha)

fome do hipocampo —
o túnel.

mãos de teias
ferem o laminado
campo emborcado
no coração, rude
de fumaça trabalhe
sua saudade.

afora o pão
de asco clama
limpo campo.

a mão
de sombra
constrói o cavalo
dá-lhe nervos e
uma garganta
imaleável
agora é o
pássaro com
o seu papo
iluminado
que voa na parede
e grita dos
dedos de folha
armada contra
o próprio punho
de fumaça
a mão zoológica
no pano
seca cruza
a ilha de
ossos recomposta.

no denso mormaço
a erva no chão
gasta-se
lâmpadas exultam
a queixa uníssonas
dormilonga: escuro —
espessa fruta
unilavrada-seda

seca a espinha
sob a geometria
burilando o tosco
onde se retesam
pés de lama

rasteiro rastro
furna clara
bóia rota rola
óssea do olho
de osso fosco

faísca de fome
farta, fome morna
urubu de arame
laço do meu cimento
tumba e canto

A RUA DO FIM

solo

— sigilo

de

brasa —

curvo

tatuado

de

mangas.

mágico

inútil

pé

grave

passa

solidez:

aérea

farsa.

ardes
 lépida à margem
 da renda ilha
 calcina
 o
 touro equatorial
 a
 vida — argúcia
 tua —
 minha pena
 pasto
 de
 pólvora peça aérea
 negra
 lúcida.

MORTO VIVO

fronte caída:
lágrima lavrada
no pedestal da fonte.

além o sobreposto
mar de ossos
esgarçando rastros

— fuzis de gritos!

de bruços:

reencontrar a rota
do meu mapa branco.

fazer-me bala,
deslocar-me unísono
como um cão de aço.

morto

mais vivo. morto pensante

de bruços;

grave loucura clara;
vivo morto morto vivo.

BONDE

solta febre
arranhando veias de aço,
corpo-figura;
geometria de asfalto;

(estanco o coração
na íngreme curva
como quem estanca
sobola faca, o ventre)

solta febre
arranhando veias de aço,
corpo-figura;

cão de linhas
quebrando sons
nos ouvidos gastos.

— sigo no banzeiro anti-mar,
banzeiro duro
de gritos campá tabuletas.

QUADRA BRANCA

NATUREZA . MORTA

raiz no
vidro d'água
rósea verde
com listras
brancas: flor
fluente de
seis patas
e tiques
moleduros
de aranha
viva
natureza morta

veste véspera
curta. furna
de cetim
com patas água
fole verde fole

vespa.

oblonga

a

noite

gasta-se

em

grilos

na praia negra

livre

a tartaruga
fere lâmpadas;
— gozo de quelônios
molhado sob a lua.

CATACUMBA DE SAL

FRIA PIA

côncava
 oficina
onde as
mãos
espreitam
moluscos.

ILHA

marapatá:
relevo verde
no pano de nanquim
duro é deixar-te onde
a noite afogando os teus pentelhos.

ILHA

marapatá:
relevo verde
no pano de nanquim
duro é deixar-te onde
a noite afogando os teus pentelhos.

o copo é uma flor
inflexível
sem engrenagens de
raízes, arde
no prato como
maçã e de
borco sufoca
o grito
de sua vivência
de vidro.

o copo é um corpo
que esplende o
seu canto de
fonte à
pedra
de vosso ouvido.

no côncavo ventre
coagula-se o gesto
elástico derrapa

nas coxas mornas
à colcha rubra:

fende-se
o
grito.

entre a renda e o fruto
a lesma atinge
a malícia da faca.

QUARTEL

no istmo absconso
o fantasma de pedra
esplende o seu canto.

vaso

sob flores
áridas
emborcas
o canto
no punho
de terra

acre.

festivas flores anuais
— jardim de tumbas —

entrai!

as setas mostrarão
os vossos mortos.

íngreme a chuva
lavra o ruflo
do cão.
o cão

e sua garganta de alabastro
o cão
e suas asas de petróleo
o cão de olho incorpóreo
líquido de aço
cão.

O ESCAPE

plexo
 o
 peixe
 alaga-se
no salto de um
 grito
— arrepio
 alado
azulejando
 a corda
 laminada —
leve
cerra
 bolhas
 invertebrado
ri

no vértice
de outro
salto
o flanco
flexível
a
barricada
rompe
banzeirando
o
rastro .

cacto flexível
de ebúrneo canto
óbvio que do ângulo
da telha reinclines
o fuzil à
caliça de tua ciência.

— o felino emborça
no tórax de chiado
o consumido riso —

as nuvens tragam o pássaro
como se o odiassem.

o cacto como a rosa
se despetala

ácida lâmpada
escorrendo como
dentes de bronze
na face neutra
que há na face
que se gasta

linhas azuis
no papel branco
aguardam os cães
de aço explodidos
na frente do poeta.

o bonzo e sua arma
no vértice do corpo

no âmago, arranha
o canto — folha e
vento o

bonzo

arde na roupagem
fictícia.

o

bonzo e seu susto
de selva
urina a sua linguagem
bonzo trapo
flato de gaiola

o

banzo
bonzo

INTUIÇÃO DO RISO

ferve o riso
áspero

— ri

como o rio que vê
um fundo de vento.

(sombras ossudas
pisam tambores feitos
com cactos de teu ouvido)

referve o riso
áspero

— ri

como o rio que vê
um fundo de vento.

atalaia de escama
pétrea, escamba
ebúrneo ovíparo
gruta gasta
argila e degredo
plana o medo
silvando, coisa
oleada de
ferro e pluma
volante, papo
carnívoro no
entanto adverso
ao começo
monstro submerso
repartido aos
pedestres visagem
d'água, mato

rosnado de sapato.

de
pedra
posto

à
multiforme

face dessa morte

o

mocho

espreita

integração

de flores

sobre

vísceras .

pégaso de ar
no campo redondo.

pêndulo
mudo.

capricórnio
de limbo
o céu é chão.

chuva torta

olho
lavra
húmus
trote lasso

bordal de lembrança
sob ausência de braço.

SEPÚLCRO DE LAVA

CÃO DE AÇO

cão de aço.

grunhir

esse gesto na
garganta
rasa —
— funda
estende à
tábua do

flanco

(irisado de
pelos
como

	roça)
a colisão	
do	
espanto.	
	venta no
vento	
gravidade	
	dúbia
pressentir de	
rastros:	
	superfície
branca	
dos teus	
olhos	
	turvos
cão	
	sempre
cão	
	de
aço.	

A ESCADA

fole
de tábua

— espiral
batida
 por

aranhas — lépido
presto
 o
 transitar

dos passos:
aberto
 e
 núbio

ar
 de
 sótão.

O ELEFANTE

de
casca
e
musgo
se
completa
o
elefante:
da
fronte
escapa
escassa
área:
brasa
e
marfim.
do

fio da
tromba à
flor
do
ânus
o
consumido
arco:
parco
marco.

A COBRA

elétrico
osso
de
seda
fogo
a
cobra
— viva
corda
fléxil —
torce
o
balaio
de
canto
além
do
côncavo
muro.

o cão cantando
confrange a margem
da podre tarde.

nuvens no arco
esplendem o
obscuro dorso
gemado onde
a mão espreita
sem corrente.

morto cão ruflante
no rio dos tipos
boiando rio
cinza e absurdo
alado no maio
 cão
 de
 asas

ave
reviva.

O GATO

no
clivo
do
muro
alado

bóia
o
gato:

esponja
de
miado,

filtro de
felpa
mede líquido
anguloso o
escamado flavo
do
telhado

risco de som
gato abstrato

ronda

— crespo sabujo de pelos —
sem ruído.

banda de leopardo
felino flébil

gato
gato
gato

de dia
morto mia, exorta
adorno de porta.

mito
grito

limpo .

TRILHA DA BORRACHA
(1962)

O SAPO

em cada pulo
mais parece um relógio
dentro de um burro,
no entanto é um bicho
que tanto chia como
engole o chiado.

é ovíparo embora
nunca tenha vivido
em ovo. fixo
mesmo que se arraste plácido
numa doce canção de borracha.

às vezes, múltiplo, ebúrneo,
ácido e sobretudo plástico
é sem tirar nem por
um sapo.

— como uma casca
que o vento arranhasse
o sapo carrega o seu costado.

QUASE ELEGIA

a ossada que normalmente é interna,
no morro é exatamente ao anverso:
pele por dentro e ossos bem expostos.

nos bichos a magreza é mais opaca,
se papagaio perde a fala,
se cachorro o canto
se porco sugere cabra em campo oblíquo.

no morro, embora limpo o caminho
a impressão vem toda de chofre:
um só paralelepípedo oleado em limbo.

do morro ao mar a vista o vê invertido:
o côncavo de chão para o ar
e o complemento do vosso pensamento.

nesse morro morro em cada barraco
assim haja um cadáver gordo,
o homem por mais magro
fica roliço de gordo quando morto.

no morro sem nome, ou se queiram, da fome,
uma só procissão engole a língua,
mas a do zé faz que morre é mais afiada
do que navalha abstrata
de quando foi barbeiro sem data.

A REBELIÃO DOS BICHOS (1977)

UM BURRO QUE VIROU PEDRA

Um burro de carroça neste
extremo norte emperro
embora hirto nos ossos
do caminho que entorto
com o visgo seco do
olhar em antolhos
sou burro e ardo em pedra
nesse descampado de sol
e só e sol lavrado
um burro só e mais a
carroça à minhailharga
deixei do outro lado de lá
a minha alma em troca dessa carga
sou calcário como a luz
derramada pela entorta

desse caminho maldito
refeito pra minhas patas
e a desses cães sonambúlicos
que grunem mais que o meu dono
esse manuel de trás dos montes
meu inimigo primevo e único
que me retalha o lombo e a crina
querendo que eu voe sem asas
mas aqui mesmo neste extinto lugar
emperrarei para sempre não adianta
chicote e sangue serei pedra a pedra
exata de carlos drummond de andrade
posta no meio do caminho.

UM GRITO TONTO DE UMA POBRE BARATA

Horrenda sou para as mulheres
apesar de certa parecença que nos envolve
sonho no meu verniz eu sou mais eu
na ferrugem do tempo nos esgotos
onde passa um halo lépido tresnoitado
me retempero e me triparto resignada
sob essa moita azul de muito nada
tropeço sempre e sempre no meu sonho
que não revelo a não ser para os
tímpanos do meu silêncio
a mulher se assusta ao ver-me e grita
oh, nojenta! e eu repito o insulto
com toda a força de minhas asas
encascadas e vou rastejante mais segura
de mim e do chão alado muito kafkianamente
para o meu mundo perseguida embora pelas

barbas dessa vassoura de degredo resvalo
no tal banheiro e não tremo uma só pata de
bem viva que eu sou e a água leva-me de bubuia
agora sim eu sou mais eu a barata lavada
de perfumes e do suor de minha dona
com todo o porte plástico de sua cona
penetro no reino do esgoto eu sou mais eu
e que assim seja! e que assim seja!

O CARINHO MORTAL DO TAMANDUÁ

O homem que abracei
morreu de carinho?
Não sei. O homem
que abracei está com a
língua no peito? Está.
O homem que abracei
por que morreu sem ar?
O homem que abracei
me deu um tiro no rosto
e então eu o abracei
com carinho ou com desgosto?
O homem que abracei
morreu por certo de tão fraco
pois quem morre de abraço
é mesmo que morrer de afago.
O homem que abracei
está cheio de formigas
para a minha língua de fole
absorvê-las de uma vez
misturadas ao sangue quente
do homem que abracei.

A ARARA DO HOMEM RICO

O que me adianta olhar
pra minhas companheiras
raspando nesse céu
suas vivas bandeiras?
O que me adianta dizer
que fui presa pelo homem,
que fico nesta gaiola
apodrecendo de tédio?
O que me adianta lamentar
na minha língua de arara,
se não posso nem andar
neste galho metálico?
Então passo a observar
os guris do meu dono,
são roliços como mangas
enquanto os da vizinha
se assemelham a lápis

de tão magros e pretinhos.
Todos eles me procuram
na ausência do meu dono,
me cutucam com as varas,
tão jitos e ruinzinhos,
e fico raciocinando
o que será desses diabinhos?
O que me dianta reolhar
pra minhas companheiras
raspando nesse céu
suas vivas bandeiras?

AMOR DE PATOS TERMINA ASSIM

Vamos pousar ali, naquele ermo,
creio que nem índio encontraremos por lá
Assim espero, diz a pata para o pato
e baixam de bico em direção ao fino igarapé
Antes, porem, fazem um vôo de reconhecimento
para o pouso e a água é limpa, tão clara
reflete a imagem dos dois mais viva
do que os próprios.
Estão agora se beliscando
de tanto amor. Ele mete a cabeça
bem no fundo da água
e ela arrepiada
espera que ele lhe dê
a fígada abençoada,
e ele tenta, mas
eis que um estampido
explode as ouças de aves,

ela tenta escondê-lo
por trás de uns capins
e ele afunda em sangue,
ela de asas quebradas,
e as mãos nervosas
do caçador caem em cima
dos dois como um condor.

(Como se explica
que há um habitante
por quilômetro quadrado
no Amazonas?
— Essa é a pergunta que faz
o novo pato selvagem pra sua amada.)

A OSGA ATRAPALHA O AMOR

Esse passeio na parede
me faz mais equilibrista
e se eu pulasse agora em festa
nas costas desse casal
desgrudá-los-ia da carícia?
Assustaria os amantes
ou assustaria a mim própria?
Embora osga sei recuar
quando é preciso e atacar
quando farejo a minha presa.
Embora osga sei atacar também
como a criança ataca por brincadeira?
E por acaso não sou uma osga velha
e por que a comparação?
Só sei mesmo que não agüento
a vontade sobre-humana
de despencar como uma lâmpada
nesse amor em explosão.

ANGÚSTIA NUMERAL
(1976)

1

sejamos malucos embora usemos gravatas
e fiquemos sempre de cócoras.
A mudez é a arma que nos faz rir
do caótico sol da refrega.

Sejamos, também, interiorizados como os postes
e deixemos os cabelos cobrir-nos como lençóis.
Sejamos cães, cães pelo menos vinte e três horas
por dia e façamos da chuva
a ordeira companheira a suavizar nossa náusea.

2

Os guarda-chuvas abertos à rua
vertical e a lepra por baixo num euforismo
de canção.
As janelas caladas deixando o vento túmido
passar as suas patas ciclópicas
e o imenso monociclo levando para nenhuma parte
o homem de cabeça decepada
e as mulheres todas com o sexo
sangrando
cobrindo os olhos congestionados.
Execrável o leporino fala que chegou o tempo
das estátuas se masturbarem
e há o suicídio coletivo lindo, lindo
e me liberto das carcomidas paredes e saio à chuva
como o recém nascido do ventre da mãe morta.

3

Falo que a cerveja não me apetece e bebo
vendo o amarelo como um rio roendo o barranco
(o meu fígado)
e é bom o mau quando se quer que seja
[autenticíssimo.]

O hálito por ser humano é podre. Ideal!

— sol inchando como relógio no bolso.

O que dói mesmo é sentir o erguer das mãos
[do homem
como raízes arrancadas na chuva.

A menininha morreu e eu nem para jogar uma rosa sobre o seu corpo tão estranhamente frágil, e o português repete: cerveja?

Por que a gente ama, ama e não se sacia?

Foi na ilha de Tanapiranga, a macaca barriguda me punha nos joelhos e dizia: menino, eu te amo, faz tudo para me amar também.

como se o amor fosse: Serafim, mais cerveja!
Mas como eu estava dizendo, por que...
isto vem a propósito da cabra que meu amigo
chegou a amar. Ele sempre
falava: a cabra Esmeralda um dia
haverá de ter um filho meu.
Na ilha de Tanapiranga nunca conheci cabras, mas
ejaculava na boca dos peixes formando mulheres
[de nuvens.
E hoje, aqui neste bar, sustento os intestinos
absorventes, túmidos e belos
como o amor do meu amigo pela cabra Esmeralda.

Gritei do barranco não ouvindo o meu grito
e a fera afogou sua juba na tarde jalde.
Num átimo senti a pulsação rediviva
e criei um grande nojo do meu corpo.
Sai pulando em sapo e devoraria incêndios
não fosse a candura do rio passando o seu lamento.
Abri as grandes asas formando sombra em mim,
sombra ossuda dessa que

olhai!

lanço à parede quando enervado
ouço o bulício de rezas sobre a tampa.
Não há quadro mais feiamente belo do que essas
cruzes
toscas arranhadas pelo vento.
Em São Paulo, a pensão e a dona tinham o nariz de
alabastro
e um dia a surpreendi atolando na cona um castiçal
cor de sol.

Atravessei a praça com o frio humilhando em
demasia
todo um reboque de mendigos
e ergui no primeiro bar um lépido brinde
não à cona ou sua dona
mas ao ser animado que passou a ser o castiçal.
É, Penafort, eu sempre te dizia, a vida vale a pena se
viver quando se morto está.
O gato flui em desespero e me arranha, arranha
como é bom o sangue descer sem querer.

5

O Ramiro chegou bebedíssimo
e não notou o cortejo dos urubus
porque era noite. Eu sim estava
lúcido e lúdico e falei-lhe da virgem
que comia fezes, certa de que comia o crânio
do amante, e ruflava os dentes e o amante aparecia
nas vozes e mostrava o ôco ebúrneo dos testículos
e saímos pelas ruas aladas onde só o pulmão
do vento existia.

Súbito, o Ramiro era pássaro,
medi-lhe o bico como se mede uma vida
e gritei-lhe: oh Ramiro!
E saímos já sentindo o orvalho em pelo e suor.

Eu sou a rua pisada por mim.
Luzes que não são as de que gosto
desmancham o meu rosto.
Ando com as pranchas do desgosto
circulando os olhos em torno de mim.
Árvores, virilhas, sobretudo choros
me gritam e me emudecem.
A rua aérea, a rua
esquecida tal um cão machucado,
a rua do fim.

Eis-me seco, um crustáceo.
Flores sob minhas patas de lã,
úmidas monologam silentes
para o riso do chão puro
— guardador de sombras
ossudas, intemporais —
lá longe
os homens de cócoras encrustam
uma paisagem de assombro
e sinto o ruflo
de asas tontas
que se procuram, que se
mesclam de aves,
búfalos e sapos.
Estático o vento engelha
o corpo de cão ciclópico.
Cerro os olhos e os cascos
recriando coisas que ainda direi.

Aqui está o meu mundo: arranho de borco
as linhas dos caminhos para o múltiplo equilíbrio.
Amo o meu estado de aranha
sem veleidade de ver-me como homem.
Minhas patas felpudas trabalham
à medida do aparente ócio.
Quando vem a mão cega e me machuca
e ardo recriando-me aonde haja uma
área erma para as minhas teias.

Fixo no debrum
da tarde de alabastro

o
olho

é essa inverdade
reinventada na obsessão
de quem cegou-se de tanto ver.
A chuva emborcando a canção
que os ouvidos já sabem de sobra,
a chuva sussurra nas telhas,
livre, grossa. O ouvido inclinado — cão
vendo o demônio de vento —
à chuva investe
(como eu a amo nessa queda erma)
suando eu a vejo com os olhos enxutos
e queimo!

10

Quem nunca no pelo
do cão esteve
não sabe porque trago
este reboque de desespero.
No entanto é primavera,
e a multidão que é a mesma
passa porque passa.

A cidade foi abandonada
nenhuma criança para receber esta boneca
de expressão antiquíssima.
Sento-me no banco do parque
e até mesmo os esmoleiros abandonaram a cidade,
Onde estão as prostitutas, os pederastas,
os bêbados,
as senhoras e seus respectivos certinhos?
Ah, cidade, tú és só minha, e teus construtores
são os demônios que me entortam no vazio
de teus traçados.

12

Vago sou no absconso olhar
dessa rota de lama e ouro.
Devasto-me: catástrofe
de vento sobre vento.
Os meus pés trabalham à noite
nessa esboroada e erma rua
onde há uma lua
sobre uma fulva gata
morta sobre rosas.

Tosca tarde, estou diante de ti
como se estivesse à frente de um velório,
e os homens passam alheios e exatos
— bonecos milimetrados de corda e sopro —
enfurnando a fome e o engodo de séculos.
Neste instante os incestos ocorrem em milhões
de lugares,
mulheres abortam e puxam o sifão
quando não jogam aos urubus diretos de suas
entranhas
e acham graça e acreditam em todos os disparates
dos templos
e há matrimônios homossexuais, pímulas revirando
desejos,
cientificismo em tudo, em tudo, em todos.
Louco é aquele que antes que os outros notem
sabe que é,

louco é o que diz verdades duras e graves,
é o que urina
no próprio peito, na certeza de que peito é flato,
louco é aquele que é entendido pelas formigas,
sonhado pelas pedras e amado pelo vento,
louco é aquele que sentado sabe que está de pé
ou deitado,
lonco finge de pássaro, de tigre, finge de homem
e emborca multidões através de gerações
e que assim seja, e que assim seja!

Quando abordo o humano
o irracional suplanta.
É, meu velho, somos
porque somos animaizinhos
feras. O episódio da Lapa
pulsava mesmo no corrido dos anos
e imutável permaneceu no merencóreo regaço
desse gélido verão.
Talvez a minha cruz não fosse encontrada
jamais, mas outros episódios passaram
com mazurcas, azagaias, facas e sei lá mais o que!
náusea — gata negra que começa na aurora
e tem presa a ponta do rabo no poente.
És, portanto, **náusea**, o meu céu
e o chão em garras no qual resvalo
o horror que dizem que é humano,
que sei que não sou.

“E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e pesou-lhe em seu coração”.

A “maldade do homem”, como se fosse plausível ser outra coisa. “E pesou-lhe em seu coração”, coração, eu creio em ti com toda a força de minha descrença, e a tarde me oprime, os fios elétricos, os postes de ferro e cimento, os telhados convencionais, a perna enorme

do português,
o azinhavre, o choro dessas crianças suburbanas me oprimem, me esmagam, me intranquilizam.

E depois eu sei que chegarei aqui mesmo antes de rodar em alguma parte.

Ao retornar ao Amazonas não chorei porque não tenho lágrimas, nunca tive lágrimas,

mas sabe eu mesmo o desencanto, às noites

da infância
demudadas, as cadeiras de embalo

que não embalam mais ninguém;

e saía no cavalo de vento

com a capa de vento e a emoção

que talvez o Aleijadinho sentisse montado

num cavalo real, nas ruas escuras de Vila Rica.

15

Loura rua ruindo
meus ossos de sombra.
Ardo — poronga acesa
esquecida na proa do barco
no arremesso
desse grito branco.

Lá fora do bicho que sou
me afugento dos homens.
O cão de vento com meu mundo
nos olhos passa,
ergo-me, um bode
de séculos, o cão vai longe,
o chão dilui-se,
a rua de tão jade
empretece pontual e dura
como o muro nas ventas do louco.

Dói-me ver a mocidade engelhada e abatida
sob um sol coruscante e viril,
e ainda não está tudo perdido, os pássaros cantam,
não sei onde, mas cantam, o céu assoprado pelo
vento
infla num excesso de azul,
os insetos trabalham, o ar traz perfumes
de um chão de gênese, os telhados brilham
escamas de grandes peixes,
as cabras pastam tranquilas nos terrenos sáfaros,
os dois negrinhos brincam com as crianças louras
trocando tapinhas e risos
e há a sucessão do canto do galo na longevidade
do bairro.
Há pouco pensei que tudo era extemporâneo,
mas não.
julguei que haveria a velhice total dos homens,

Há uma eternidade de vazio
sobre esse campo infinito.
Eu, troglodita, me punha a olhar o sol
e a desamar aquelas figuras repugnantes
e quantas vezes sentia ímpetos de voar
sob o pânico oculto dos bichos, meus irmãos.
E dinossauros passavam elegantes como as
matronas de hoje (ou de ontem) e pássaros
lançando chamas formavam um céu à parte,
eu arranhava com os cascos dos dedos
o costado do vento, que naquele tempo, a despeito
da lógica dos historiadores, não emitia uivos
ou grunhidos, e havia uma genuína compreensão
entre mim e os grandes insetos. E a tempestade
vibrava, atônita e loquaz, plangente e eterna,
alucinação de Wagner.
E eu morri com duzentos e quarenta e três anos,
forte como a maçaranduba,

cansei de mim e do mundo, como agora
com esses trinta e sete anos
estou infinitamente cansado de mim e do mundo.
Acordei sobressaltado, é que sonhei
na proa de um navio, que lembrava um campo
de golfe,
e o rio era mais um mar de águas ruivas e eu estava
no leme — um leme de roda gigante —
e veio um marujo com tatuagem daquela mulher
da caverna, e eu lúcido me sentia louco, por que?
O navio encalhou em nenhuma praia ou porto,
mas no próprio vento, e a tatuagem da mulher
saiu do peito do marujo e assoprou-me no ouvido:
— Vamos voar, oh ave agourenta, mas muito amada,
vamos que estamos numa neonuvem.
 Levanto-me e as minhas asas,
 guarda-chuvas abertos, pingam suor,
 pingam suor,
 pingam suor.

A ossada era também intensa na alma,
aquele tombadilho de navio preto ao largo
onde mãos descarnaram-se na neoviagem.
Balançando no encapelado mar
mutável no corpo de séculos,
canta o cavalo repleto de escamas.
Quando a fauna e a flora foram sacudidas
por tumores profundamente reais e abstratos
o que houve foi a paralização da chuva
a metamorfose do animal em pedra e a explosão
sangrenta da folhagem — tema de grandes
poemas mudos.

Chove sol em flocos
e as corujas são diurnas
como os teus cabelos, oh doida amantíssima!
No entanto o homem é extraordinariamente inumano.
Mas a fábrica da fábula revela que o menor pássaro

subloca-se seiscentos anos luz entre os ângulos
do ar de tábuas sem frestas e
multiplica-se em sapos maiores do que vacas.
O Zé Boamorte é esse ganso incorruptível à
cata de bordéis e resvalando pela carpa
de panelas emborcadas na cinza
enxerga com a boca um navio deslocando-se,
grande preguiça mansa, em direção a que?

O frio é tanto que embora
com meus múltiplos corpos
não há nenhuma possibilidade de assustá-lo
quanto mais vencê-lo. Ele aniquila
o corpo, humilha-o, gasta
sapato batendo num gato.
É o frio que a medicina com
suas lentes tropeça sempre de pronto
e deixa à parte como um livro
de álgebra às mãos de um poeta.
No entanto é um frio tacitamente
identificável, um frio mole
pêgajoso que não há cobertor de rico
ou barraco sem número na porta de pobre
que o confunda. E é cotidiano, embora
em regiões escaldantes.
E veio o diabo em forma de chuva

falando em monossílabos pelas calhas.
Difícil é a mensagem direta, mas
afinei ao extremo o ouvido
e ouvi nitidamente dizer:
— Eu vim assim para não assustar
tanto a tua amada pobreza.
Ergui-me e fiquei de pé no ar
numa sensação de haver dado
um grande salto sobre o tempo
e a voz do diabo, cada vez mais
líquida, agora era uma só cadência de som.
Treinei os passos e era como se estivesse no
chão de tão espesso e seguro.
Praguejei o quanto pude, e hoje, ao ver a terra
arada sem chuva, e os homens morrendo de
tédio e de frio,
fugindo pelas estradas de ossos, bem me lembro
do diabo de voz líquida,
escorrendo chamas pelas calhas negras.

No líquido clarão
escorro a dor — esterco
e
barulho —
do coração.

A dor
vaga e sutil de um bulício
(pestanas de ave sob a neutra
sombra espectante)
dorso de estio.
A dor vegetando a penumbra de um povo
há muito soterrado,
a dor lavrada em forma de pés pela calçada,
a dor do morto que se visse intransferivelmente
morto,
a dor no arder da exata palavra,
repetindo-se no couro da cobra,
a dor: vertigem e soluço
e o céu por baixo de meu canto.

21

Dentro do meu relógio,
a minha dor.
As reticências da tarde
são cães esgueirando seus latidos.
Depois irei para o vale de ardências
ver o utensílios da manhã.
Dentro da minha dor
o relógio se apagou
e as estrelas apodreceram
no prato que trago perto,
queixo em minhas mãos.
Dentro de mim começo a sentir
raízes como se eu fosse um muro estatelando.

Com todos os ossos quase quarentões
e meu enorme suplício,
a temerosidade da morte
 (estou negro embora branco
 ao ponto de ninguém me ver)
Vou para alguma parte, estou
certo,estou? vou como quem
vai indecifrável para o
sepulcro, curvado à sombra
da sombra que se quer demais.
Minha poesia nunca teve amor
oh minha cadela olímpica,
como o mundo é ininteligível
e mutável e aéreo.
esta rosa jamais seria roxa
e no entanto é absurdamente roxa,
por que? e o vento talvez

fosse um bloco visível
como o mar, e a maldade
do céu — esse elefante
sem tromba e silêncio —, o céu,
o meu introspectivo teto
de tédio que emborça tal
a mão carunchuda e curvada
sobre um piúm ou uma flor.

A rua explodiu
sem que ninguém jogasse bombas,
sem que ninguém tivesse o desplante
de gritar a sua frustração de condenado
a uma ordem feita de borzeguins e estultices.
Comoveu-me ver no chão como uma fruta rasgada
numa rua de Recife.

Doeu-me ter as mãos atadas
à irreabilidade real desse bisonho ser
onde grito pelos seus olhos.

A rua explodiu
sem que ninguém jogasse bombas,
sem que a multidão exultasse
pelo grito branco e feliz.

O capim crescendo da cor de sangue
e a visagem da amante aqui no meu pulso;
os gatos vomitados por abutres deslizam
entre os seios alvacentos da tuberculosa
(escuto os seus pulmões: águas crescendo
na caverna)
E os morcegos friíssimos fazem da louca
furnas
sob o sol de musgo
a louca comovida rasga o ventre
e espalha no ar a pilha túmida dos intestinos.

E então a mãe olhando o filho
sendo conduzido entre fuzís
caiu num pranto espesso
que a fez a mais falante
do imenso hospital dos alienados
e os capins afogaram todos os bois
e quando o filho a visita
ela o chama no delírio:
— você é o filho do filho do filho
do filho do filho do meu filho.

Era um cego que havia criado um nó na garganta e se punha a grunhir por desejo de ser mais cachorro de verdade e até que um dia ambos trocaram mordidas profundíssimas e se amaram na morte sobre a morte ladram numa lamúria que todos os cães daqui da China da Alemanha não são capazes de apagar.

de luzes e nuvens
o mundo humano
se afoga ante o teu reino
(as palavras simplesmente
são uma gota de canção).
Descrever-te é absurdo.
E os meus olhos que bem vêem
se tornam opacos e escuros:
poço bem no fundo.
Mas existem os
olhos da negra e velha gata
feitos de telhas e silêncio.

Uma flecha tem a dimensão de nossa lágrima,
não importam as minúcias.

A chuva tem a dimensão de nossa mágoa,
assim a entendo sob o clarão do sol.

O silêncio é barulho demais para os poetas,
esta cadeira apodrecendo tem a configuração exata
de um camelo,

esta garrafa tem unhas de serpente,
eu a vejo assim e a sinto.

O urro da mesa nos provoca pânico,
somos dimensionais e vários, somos bichos de
saliências múltiplas,

e por isso somos rancorosos como os rios que
se bipartem

nesse absurdo de coisas pegajosas
— **mapa** de horrores e inocências —
mas há instantes (como este agora)
que a lágrima é um sujar de mãos.

Desde cedo aprendi que as cascas do tempo
são reais como o desejo,
o físico é a garrafa intacta que chega à mesa,
o espírito é quando a garrafa está vazia.
Eu sou velho porque antes que todos
me chamem de velho eu o sou;
eu sou as paredes das cidades abandonadas,
eu sou a flor que secou e resnasceu na terra e no ar,
eu sou os respingos da chuva que o chofer de taxi
limpa para ver a estrada,
eu sou a primavera desmaiada no pântano,
eu sou a peça íntima da jovem, da velha, da morta,
eu sou o chão dos bêbedos,
e a boneca de pano que a criança beija;
por isso acho que ninguém tem idade,
todos são absurdamente milenários como o céu,
paradoxais como a lógica,
e ridículos como a sapiência;

o mar é azul porque pensamos que o azul é o mar,
a ave vôa porque nos sentimos com asas,
a chuva nos desce nos nervos,
o sol estala e é de ouro
porque fizemos a composição do sol;
eu sou o rio que esquecido de si mesmo
constrói novas águas e o leito, e as margens
de garças escarlates
e passa e passa como os teus olhos no vazio.

CANTO OSSIFICADO

1

Rota de roldana
frutomito
ao toque do vosso
lance
olho
sulca través
estratosféra
nossa bússola
de terra
inconsútil

2

Na esquina do Cabaré Chinelo
quando no afago de um cultivo,
um marujo gris, um cão caduco,
passou por mim a madrugada
como uma grande boca cerrando
dentes. Silente, o fio místico
da minha aranha, noiva e bela,
o lampião cobrindo a unha
do céu miúdo. E no cultivo
do afago já em galope, o pasto
em cujas sombras regurgitava.
À tosca mesa outros marujos
e sob, múltiplos, caducos cães,
craquentos, se repartiam.

3

Segundo Toque

Toda esquina é una, enquanto
de cuia for o mundo. Sede de
marujo ou de cão, acontecida
se repete e se extravasa
nas nuances curvilíneas
de meu tédio. De borco no ar
que pode ser o mar ou chão
em azinhavre, amoitada
cresce a treva flor.

Terceiro Toque

Caminhando vou como a estátua
para si mesma vai. Em torno
o silêncio me abocanha.

4

A mesa não voa
é pássaro de
espaço centimetrado

A mesa é um campo
roçado sem corolário
é um rio ou mais exato:
um opaco aquário.

Fixa e medida
é um cão de guarda da sala.

A mesa, mais do que isso
é uma mesa: madeirame,
grude, verniz e silêncio.

5

À noite me orientei pelo tato
impessoal do teu grito
e serei a amoitada angústia
de um céu acontecido
debaixo.

À noite ou ao dia — se o que
esplende é figura apenas
de olhos —
derramei o ócio
de séculos no meu corpo
de mundos

à
vigília que forma
a vossa forma
de ossificadas primaveras.

À noite, abrirei as asas
como quem fecha
mortuário, caixão, próprio.

6

Aqui estou. Um poste
em silêncio, um
pássaro em candidez.
Aqui estou: igarapé.

A canção das águas,
o verde silêncio
o mural de carapanãs,
o vale eternizado,
morri? certo, morri.

O meu silêncio em
construção: tijolos sob
sobre tijolos
devia estar aqui,
ou em qualquer parte, menos
em Lisboa!

Aqui estou como os meus antepassados
sob a lua chata e infalível.

7

Me reencontro na rota
de escamas e tochas
e com os olhos
de escape — como
quem lança a cuiatarrafa
à franja do lago — te
miro e esplendo,
ó terra país: Amazonas,
que pulsa no pulso do industrial do verso.

Com escamas e tochas
vou para a fábrica
tocado de vento e suor.

8

Flauta de vento.
Nos ombros fosse vigília
o som

tranqüilas
seriam as fontes.
Aves rasgadas

rolam

em chuva
nos meus dedos:
e o som dança
no tempo.

De som me
visto e sucumbo.

Centopéias na rua
pernas — centelhas de sol
jaldeando frentes —
que ardem, chamuscam
quilometrando (ossos
sobrepostos
absoluta fome)
em rios de fios,
sobre e sob testículos,
rostos, o dia de ontem,
tal a amada à
sombra da ossada
que há — guarda-chuva
magro no hálito da pedra —
no teu músculo de ar.
Vê bem após o olho
decomposto no âmago de
Ti: o enviesado canal,
esse deus de susto
trepidando em cada fruto.

10

O áspero campo
chamusca o vulto
sob ósseo sol.
Ei-lo de borco:
o dorso —
antepasto
 pardo —
de minúsculas aves,
 (fixo cúmulo de susto)
passa sôfrego, lasso,
pupila de negro.

Cernemontanha de sono
roendo lamúrias,
dos cornos às
craquentas patas,
o boi vai,
cósmica sombra
oleando de roldão
o fictício chão.

Lépido cresta
o viço nos olhos,
da garganta se derrama
o mugido da canção.

11

Sonâmbulo o cavalo
é sol sob o
alforje — face
de chuva. Arde na tumidez do campo.

As flores se povoam
azuis e ouro no
ânus desse jardim
em galope. Sono e
salto.

O cavalo é rei,
é céu, é som,
poeira soluço,
o cavalo é vento.

12

O poeta vem na bigorna
de sol, sangue e poeira
— iracundo sopro de mundo.

O poeta
vem como gota das altas montanhas,
sanguessugas líquidas
muito devagar.

O poeta
parte e chega a toda parte,
é chuva e cristal,
sonho e matéria roubada ao
sono.

O poeta e o tempo matemático,
o poeta no espaço nítido, místico
o poeta larva-pedra-água e as
primeiras raízes vegetais.

O poeta-crisol, de luas e
sóis, nos cânceres e nas
modelações cósmicas.

O poeta uno, sendo e fazendo
o desespero das
mutações imprevistas.

CURVAS DO TEMPO
(1984)

O ronco azul
de julho escapa
sobre os vermelhos
telhados velhos
da urbe ligada
ao rastro farto
e negro das águas.
Ao largo, o casco
rugoso de um provável
cargueiro
sem leme, sem carga
e de muitos marujos
em sombra no ardor
do tombadilho.

Deste mirante
toldando os sonhos,
olvidando as queixas
às ancas dessa
sonâmbula égua de som,
em cujas belfas
resplendia o amor
em ápices e mergulhos
outros barcos
— também cargueiros —
presos ao extinto cais
estremecem bandeiras
de mortas paragens.
O ronco azul
de julho resseca
minha ácida garganta:
— ponte para o ocaso.

Esse clamor ferrugem
sufocante vindo do poço,
vindo do poço mais fundo do
planeta
por que acontece
à revelia do festival
ruidoso dos peixes?
Pertence à estrutura
dessa cigana-ave
de primevas garras
e fuzis nas asas
e gládio bico?

As árvores no ballet
das águas rasas
são lépidas sombras
exortando mágoas
cíclicas à natimorta
lua
que no plano engana
pelo poder das
lágrimas prateadas.

O peixe-boi entorta
o derradeiro canto sob
o mureru do lago das almas.

Eu sou dúctil
e pando nas plenas
águas raras
do Rio Negro — eis
a voz lépida de sol
no tombadilho
dessa canção
de barco mortuário.
Eu sou o turbilhão
de afoitas invectivas
(adoro ossos e ocasos,
a chuva em holocausto
à penúria ante
a visão em blocos
do vento, odiento).

Eu sou dúctil, embora
sob a rampa
haja uma explosão
gélida em minha carranca.

De metal e anil
lavrados a ferro das
águas a cobra faz
curvas e retas
como quem passeasse
ante a possessa
orquestração das rãs.

Há um peixe de sol no campo
e um guarda-chuva que acontecia
clamando contra o vento.
A vaca morre, o grito
do mocho arde
nas labaredas do dia.

E o silêncio é a garganta
de pedra de um loho sob o
hipocampo
feito de cruzeiros e, às vezes, de
chuva
e
demônios
à linha da tarde
— vermelha —
e um dorso de
mar
muito longe
salpicado de vãs primaveras.

Lua gris,
lua só de lembrança
pairando tonta
sobre ausentes
copas de árvores.

As feras nos meus olhos
e os fuzis em apelos
apontados às cruces
que formam à esconsa
paisagem desse meu
decomposto corpo.

Há um cavalo me espiando
na paisagem de labaredas e rosas
e o olhar de água e rouxinóis
ardendo.
Revelando-os, nesta hora,
afino os tímpanos
para o canto do cavalo
e renasço como a
gota
espremida
pela folha
ao vento
(ausente)
no
ápice
vertical
da minha sombra.

É bom estar só
e abrir o coração
sob a chuva
de estrelas
e aspirar, devagar,
a pétala menor que há.

Olhos grandes, lavados
demais — eis o
tambaqui
pleno, genuflexo,
às vezes superplexo,
albino no âmago da noite
— negror diurno,
pomposo com seu cetro
de rei dos reis dos peixes.
Esplende o seu discurso
para os seus vassalos?
Fantasias e guerras
e fugas pelos ares
em porfia afiada
com as araras?

Manaus fora uma vila
modorrenta, solitária,
plangente, ora hirsuta,
lépida às vezes,
mascando suas nuvens
e os lençóis de águas
doces, amarelas,
negras de pele
os seus ombros estendia
ao vento para o beijo
de amor de seus vivos
e fibrosos mortos.
Manaus plena, a chuva
rolando-lhe a face,
seus pés só de gestos

e de vertigens
em flor marcava
os seus dias,
Manaus limpa renascia
sobre pontes,
sob ardentes copas,
a canção acontecia.
Quisessem
os pássaros ou os pianos
à miragem dos graves
brasis de nervos e ossos,
Manaus punha no punho
um intemorato sangue
de tão verde correria
que revendo a distância
além da urbe esplendia.

Erudição — palavra que choca
pela sua pungente ancianidade.
Basta olhar para o sol e para
a treva e queimar ou salvar
as pestanas. Eu não gosto
dos intelectuais não porque sejam
geralmente cultos, metafóricos
ou simplesmente abstratos. Mas
porque mostram mesmo que não
queiram um excesso aerofágico
que daria muito certo aos balões
— também abstratos — de junho
incendiário. Escapar dos intelectuais
é uma forma racional de salvar a si mesmo.
Eles são os temporais catastróficos
diante de nosso fragilíssimo barco.
O suor do poeta é exatamente
o mesmo que escorre do rosto do marujo.

do louco, do frade, do carpinteiro e da
mulher que os espera no inseguro porto
(é só uma questão de um pouco mais
ou menos de sal do cotidiano).
Falar que o mar é azul é aceitável
porque os olhos, como as abelhas,
tendem sempre
para o lado suave da cor.
Falar que a morte é branca
é também uma maneira leve
de trazer à lume a pior
inverdade: irmã-medo
do pânico em repouso.
Propalar que a vida é a vida
é tão paradoxal como se
disséssemos que a flor
secou
porque as borboletas se aposentaram.
Todos estes tiques não vão além do
relógio em soluço. É apenas
um treino de uma bota perdida
na província, enquanto
o vento levava, de pronto, o seu
dono. O resto a pedra absorveu-o,
inclusive a sombra de sua sombra,
ou algum papo de ave
para replantá-lo numa ilha
que não seja tão pequena quanto a
minha.
Eu estou há meses sem ver
os bolhas de meus amigos
e faço cálculos
para revê-los no quarto
milênio.

O peixe navega
sua prata
por essa garganta
d'água
e fixa um canto
de guerra
de guerra que
nos molha a
primavera,
antítese dessa
paisagem
gravada em
toda carranca,
da pedra, inclusos
também o vegetal

espanto, a ave,
e a múltipla fauna.
O peixe navega
sua prata
por essa
garganta
de
pedra
e
de
água.

Opaco e silente
à chuva em debrum
o lago das almas
cerca seus olhos,
debruça seu corpo
e canta seus cantos
assépticos, ligeiros,
repletos de verde,
juncados de aroma,
de um tempo amoitado
nas curvas do tempo.

Vê bem os olhos do pássaro
e agarra-o
enquanto é tempo.
Caminha depois
para o teu leito de ocaso
e tenta sonhar
com a explosão de teus intestinos
e com o lago áspero de tuas lágrimas.

É bom estender-se só,
o mal que poderia haver
seria o cordão da solidão
que nos enforcasse de vez.

Rasguei a nuvem de inconcebíveis
mochos porque quiseram os meus
demônios.

E aqui estou vendo o céu opaco e
iracundo, livre das lágrimas
e do suor do mundo.

Muito ao largo, revejo uma cruz
de silêncio e|ou ocaso
e me triparto em vãs primaveras
como foram os meus dias
nessa morosa luta de feras.

Há um cisco (nuvem ou som?)
que navega no meu corpo líquido,
sobretudo pela aquosa guelra

e depois pelas barbatanas e asas
e papo e garras num tempo feito de
traças
nessa natimorta miragem,
além da areia,
muitomuito além
do veio que veio
da rocha em suspiro
do grito em sigilo.
Sou um grilo,
um gume de susto
uma gretada origem da flor,
algumas gotas de pranto e espanto,
vou em frente, olho a noite
palustre de estrelas;
sigo como quem fareja uma abstrata
planície,
invado o azul, salto sobre a minha frente,
e vôo mesmo sem asas,
faço de tudo isso um avanço e um recuo,
bato no peito e durmo,
que as flores mesmo de pedras,
à revelia dos meus múltiplos
demônios,
nesse canteiro de vento
crescerão.

No declive do caminho
de um verde puro demais
cravei meus olhos em Mirra
como as abelhas que sorvem
as frescas flores do campo.
Foi bem cedo que a vi
com seus cabelos azuis,
as maçãs do rosto ardiam
e o que dizer de seus seios?
Havia um pássaro em pânico
entre gardênias e Mirra,
foi bem cedo que a vi
com seus cabelos azuis
nessa campina de sono,
de vacas tontas de sol
e laranjas crepitando
como pombos na manhã.

Cravei meus olhos em Mirra
como as abelhas que sorvem
as frescas flores do campo.
Foi bem cedo que a vi
com seus cabelos azuis,
as maçãs do rosto ardiam
e o que dizer de seus seios?

Hoje estou intransferivelmente mudo
como o lago farto de águas
ou a sombra em franco repouso.
E a mudez é assim asséptica,
quando o silêncio a eternece,
e o vento, recolhido, a reconhece.
O quebrar pedra
sob a suspeitosa ponte
consterna o vazio
no lugar do horizonte.
vendo-os daqui, neste extremo
aninhado num escape,
o rio sujo mitiga
o calejar dessas almas.
Na atroz opção
de olhar e flechar-me
detecto de modo imperativo
outros sucos iníquos
de ossos e brumas. Em suma:
há mãos de pedra
humanizando pedras

e revestidas de fobias,
há ranho e fardo
dissipando a paisagem,
sobretudo, há um espanto
no santo de concreto:
São Raimundo cronicável
de tantas mortes
consumadas — surrealista
travessia —
Vendo-os daqui, deste extremo
aninhado num escape
o rio sujo mitiga
o calejar dessas almas.

Cavos passos na varanda
contam coisas que não sei
se eu soubesse não diria
nem pra mim que já expirei
nessa nau que arde ao sol
à deriva em secas águas
cujo tempo é só lençol
à espera da tormenta
como os pelos do meu cão
farejando na varanda
esses passos bem coevos
mesmo longe à proa aberta
dessa nau de assombração.

Pela parede meu cão
segue a trilha das osgas,
cuidado! Grito pro gato
que engoliu minha mão.
Passeiam mancadas cadeiras,
mostrando suaves músculos
e o cinzeiro de asas,
este sim me provoca susto,
rangendo a rede espanta
todas as mortas aves
que continuam bicando
meus rins e o coração,
cuidado! Grito pro gato
que engoliu minha mão.

As osgas enfrentam solenes
o farejar do meu cão
agora no teto negro
por onde fujo às vezes
das asas da assombração,
as cadeiras paradas
fazem caretas tão feias
e gritam gritos profundos
quando afago o gato
pregado na outra mão.

A várzea decifra
o canto primevo
do rio-usina.
Na vocação aquosa
assoma o seu sumo
trançado de canarana.
Que o sol crispado
roa seu contexto
como a cabra afoita
verrumba os calcáreos
cultivando espuma.
À várzea, venham
retirantes!
Derramem sua densa
sombra fria,
vejam os louros botos
presos ao ouromilho e
o paredão de estrelas
e o ruflar de asas
desse rio-usina.

De onde vem esse demiurgo com cheiro de ferrugem, de sol e de charco?

Do Peru?

Exatamente desse país impressado aqui na selva amazônica?

Explodiu o intemorato poeta da prosa maior. É terrível senti-lo pulsando no âmago de suas figuras. Ele acontece de cima como a chuva farta e, com os pingos ácidos escorridos nos dedos, se amoita escancarando o fogo da primeira caverna, e se retempera.

Llosa espera os peixes de bruma, de mandíbulas sanguíneas como as guelras das aves do Éden, e os semens das árvores.

Mario Vargas Llosa encharca os seus livros como quem transfigurasse todas as unhas e pâncreas, insustentavelmente mortos.

Há algo que valha mais do que uma unha ou
um retalho de pâncreas?

Llosa não é o azul, é o excesso do verde
e do que existe mais fundo do chão:
os bigodes dos ratos e as penugens das aves
estão em seu pulmão.

A chuva do João Cabral de Melo Neto,
vinda debaixo,
os albatrozes e os becos de Baudelaire
escorrem-lhe pelas veias
como grandes peixes silenciosos.

É lúdico?

Psicótico?

De onde vem esse demiurgo com cheiro de fer-
rugem, de sol e de charco?

Aspiro a polpa
desse araçá
já desnudado
do verbo amar
e recolhendo
a doce harpa
ao meu clamor
nasço de novo
pro meu amor.

Rebeldes as águas tripartem
o assombro de vê-las
e planam e hirtas se entornam
não em arrecifes mas correm além de teus olhos
e voltam e mugem e fogem das mãos; das quilhas
se espalham, criam raízes, retornam ao âmago,
ferrugem,
duendes?
doentes?
Cheias de cruzes e cicatrizes?
As águas são os teus passos,
a luz que tu miras
embora sem tê-la
como a bel-prazer de retê-la
no vão de tua marca de sonho.

O que há por debaixo das águas
infiltrando luzes e prantos?
Um marulhar do líquido corpo
que se renova. E tudo o que se ouve
em torno é a repetição da
oblonga miragem roxa das águas.
Afastá-las seria a rebeldia
do absurdo sobre si mesmo.
Tapar o coração em holocausto
ante uma esconsa primavera
feita de flores de água
(ou de vidro?)
sob um céu opacamente só de sol.

Crespas abelhas louras
frangem à proa do barco
arabescos de som e açúcar
e à deriva navego
no rendilhado de ilhas
olvidando outras quilhas.

Essa fartura de dentes e suspiros
e bandeiras rotas ensangüentadas
e quantos borzeguins abandonados
e há corridas de hienas
e de nuvens, nuvens túmidas
de alucinantes corvos.
As pegadas são muitas
e quantos temporais
rasgaram céus e espaços?
Mas as pegadas são muitas
e passo no meu cavalo
de fogo sempre atento
às pegadas e aos dentes,
aos suspiros e às bandeiras
rotas ensangüentadas
e à sombra dos corvos
e das hienas
e aos borzeguins
intactos e abandonados.

Tateando ferro
a MÃO solerte
reexamina o canto
que pensara seu
consciente afoita
à cirúrgica reprocura
como fizera há pouco
com a vegetal miragem
silente espia
no âmago mineral
geminadas à sua
úmidas e humildes
miríades de mãos
porosas e canhestras
na eternecida fuga
da reaparição
sempre a eterna
MÃO

arrulhando almas
ou paredões antigos
ou desfiando ossos
a MÃO ferruginosa
de milenárias aves
carne e flor
arde altiva
desgastando o chão.

Não importa que os pífios pensem insólitas coisas.
De tanto eu assim julgar outras faunas desprezíveis,
ainda a meu propósito, acabei ganhando muito antes
de meus trinta anos (o tempo é o menos) este
estigma que
me acompanha como se fora o sol.
Aqui estou neste infecto
quadrado
impregnado pela podridão dos ratos e das baratas
verdes.
Tudo porque me rebeleí contra a insensatez que eles
chamam-na
(Oh sacripantas!
Oh ovíparos!)
de estatutos para cuja divulgação contrataram
essas lambisgóias de olhar lascivo e bestuntos rasos
e longos calipígios,
que pelos gélidos corredores

vão, vem
numa ladainha interminável,
jogando em nossos ouvidos,
com sua voz de incêndio, as chulas
e enfadonhas palavras
de artigos e parágrafos.
Vai-te daqui, cabeça decepada de negro,
não te expulsei? Por que teimas e insistes,
mesmo na escuridão,
escancarar os olhos que não te pertencem?
Queres provar o quê, oh negro?
Abusas de eu ter por arma
apenas as minhas unhas quebradas?
Quando penso que ainda há poucos dias (meses,
anos, o tempo há-de importar?)
eu era dono de uma ilha maior que a Itália
e a França juntas. Era uma ilha
próspera, ricamente cobiçada, é claro,
senão não a perderia, ilha da qual emergi suave
e agrestemente.
Duvido que tenha saído de ventre de mulher
ou de loba, ou de macaca, toda essa conversa
de asnos que a gente ouve desde o princípio.
Estou convicto de haver desganhado da copa mais
densa, mais alta
da árvore que jamais revelarei
o nome, mormente enquanto
essa cara sinistra e desprezível de negro
estiver ensombreada
na maldita e lúgubre parede.
Chove?
Valeria a pena eu tornar a espancar o gradeado
com minhas mãos sangrando?
Eles ou elas, todos de branco
levar-me-iam aos coices além da penumbra dos
corredores
e aquela de nariz alabastrino, olhos de cutia,

meteria as suas nervosas e abjetas manoplas
pelo meu reto a dentro.

Chove?

Oh negro capadócio, envenenativo, monstruoso,
mesquinho, abandona esse teu gesto de me insultar
com teu olhar!

Chove?

E esses murmúrios, o que os velhos idiotas estão
tramando?

Novas guerras?

Novas punhaladas?

O que afinal esses chupa-cus estão tramando, diabo,
sobre os meus despojos?

Chove?

Ah, até que enfim a cabeça do negro foi engolida pela
solidão.

Chove?

Que eu seja tragado pelo fogo dessas águas.

Como captar um poema
se a tarde nem ajuda o poeta?
Se as árvores encardidas na praça
mostram ossos em vez de folhas?
Como captar um poema
se as próprias aves pousadas
nessa moderna fachada
são vergalhões, argamassas
na feiúra do prédio?
Como captar um poema
sob o equatorial de outubro?
— Cerro os olhos e me visto de assombro
contando os sulcos das pedras
nesse inconsútil pisar.

Por que esta estátua
Por que esta noite
Por que este rosto
líquido de mágoas?

Por que este gosto
de retorno à infância?

Por que o delírio
de comparar estrelas
às pétalas das rosas?

E esta obsessão sinistra
de buscar a ácida sombra
dessa árvore-aramé?

Por que esta incoerência
de ser pluma e espinhos?

Por que não seguir
a sugestão clara das aves?

Por que não imitar
o naufrágio do sol?

Por que não morrer
ouvindo esse canto
que é um acalanto)
vindo do peito de amor
das cigarras?

A LUCIDEZ DA PEDRA

A lucidez é a loucura plena
como a pedra é água desde o início.
O amor, essa coisa mítica e terrena
é o fruir da ave — um artifício.

A loucura há de me levar acima,
amplamente, além das convenções,
há de retornar também em implosões
de seres e paisagens, aquém da rima.

O retorno é sempre um passo à frente
porque indescobrível como a aurora.
E é por isso que, hirto ou indolente,
perscruto o universo a toda hora.

CIDADE ALADA

A praça alada do sonho
ganhou nomes e até aves
não duvidarei estranhas
a esta cidade nossa.

As ruas por onde passava
são tão gastas e tão novas
lembram cidades antigas
de Angola e da Europa.

Manaus perde a aurora,
os edifícios crescendo
vão apagar a noite
e é por isso que esplendo
esta carga de desgosto.

A praça alada do sonho,
seria talvez saudade,
caminho não sei pra onde.
Hei de chegar a mim
como a chuva à terra,
chuva pra lavar lágrimas
como latas lavadas
como pianos distantes
nesta cidade aiada.

CANÇÃO QUASE BÍBLICA

Eu sou a ave andina
testemunha das lágrimas do mar.
Minha cor é negra ou azul como o luar
estendida sobre a selva do Gênesis.
Minhas patas hão de pousar nas nuvens
que são pântanos e pedras
e seres em formação.
Essa loucura sempre em ascensão
da ave além de papos e de asas.

POEMA.XXV

Dessa sacada em forma de varanda os pombos buliçosos ensaiam uma cantiga feita de urtigas, milho e um vento lento como a vaca que sempre passa diante de meus olhos exaustos. Fico travando um ausente gosto de campinas e meus dedos funestos perscrutam esse paredão azul de inexpugnáveis silêncios e enfeitam as crinas e as belfas sacrossantas dos cavalos que haverão de trotar sempre em derredor de todos os poetas e de todos os andrajosos sem cajado e sem pés para pedir moedas e vinho e pão em troca de lágrimas, covardias e lamúrias.

Dessa sacada, vejo também os mastros de navios e bandeiras rotas e novas e cascos craquentos e outros repintados e marujos saltitantes que erguidos de suas respectivas mortes falam, gritam, choram e riem às gargalhadas, para surpresa dos peixes, das ruivas andorinhas, dos pombos antigos, todos receptivos para guardar sem esquecer esse simbolismo vindo de ban-

zeiros incendiados por bocas pedregosas que os filósofos embaralham e a ciência, sempre atenta, devolve às pressas como quem cuspiu algo explosivo e po-dre de uma boca que inexistiu, à semelhança dessa que pervaga o olhar sem enxergar agora os buliçosos pombos e os navios e o próprio paredão azul de inexpugnáveis silêncios, mas permaneço integral como se fora uma pedra resplandecente.

**DE UM LADO DA CANÇÃO
DA CHUVA**

etérea
chuva branca
sob dormentes
do coração

busco comigo
como quem busca
na fuga aérea
deste outro céu
que afoga a mim

branca chuva etérea

encardo-me
à véspera do holocausto
dos ninhos e papos ressequidos
de pássaros aves

CURVAS DO TEMPO

A sombra do poeta vai
como as patas do desgosto
dessa aranha alva de penas
na hirta rua de agosto.

Setembro de flores ósseas
esplendem tambores de urtiga,
nessa moita de pássaros
para os dias de novembro.

Que raízes de sombra
em água-esterco-pêndulo,
lavram suas mágoas de rubro
na pauta futura do remo.



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 • 2018



AMAZONAS
CULTURA DE
VALOR

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL